

- MENU
- PRINTABLE VERSION
- HELP & FAQs

# Encontrando o Equilíbrio Entre Gramática, Comunicação e Cultura no Ensino do Português

**Edison Rosa**

**Osaka University of Foreign Studies**

*O ensino de língua estrangeira no Japão tende a focalizar apenas aspectos gramaticais e de produção de textos, esquecendo a competência oral. Isso ocorre também com o português, uma língua em muitos aspectos totalmente oposta ao japonês. Observamos que, mesmo depois de estudar português durante três ou quatro anos em uma universidade, a maioria dos estudantes apresenta um nível apenas rudimentar*

*de comunicação oral. Mesmo aqueles que dominam razoavelmente o vocabulário e conseguem manter um nível aceitável de conversação acabam falhando em se comunicar de maneira adequada. O motivo é o pouco conhecimento da cultura dos falantes de português, que é o aspecto mais importante para a boa competência comunicativa em língua estrangeira. Neste trabalho, apresento algumas idéias sobre como conseguir um bom equilíbrio entre gramática, comunicação e cultura no ensino do português.*

日本の外国語教育は文法とリーディングに焦点をあて、スピーキングを避ける傾向にある。多くの点において日本語とは正反対のポルトガル語にも同じことが生じている。大学で3、4年間ポルトガル語を学んだ後でさえも、大多数の学生はかろうじてオーラル・コミュニケーションをできるレベルしかない。かなりの語彙を習得し、コミュニケーションをはかれるレベルに達成している人でさえも、結局十分なコミュニケーションには至っていない。その理由に、外国語でのコミュニケーションに必要な能力を最も重要としながらも、ポルトガル母語話者文化についての限られた知識量が挙げられる。本論では、文法、コミュニケーション、ポルトガル語の文化教育の均衡をはかるためのアイデアをいくつか紹介する。

**E**m primeiro lugar, devo esclarecer que não sou um acadêmico, um pesquisador ou um teórico da língua ou da linguagem. Sou apenas um professor de português que enfrenta, no dia a dia, problemas muito práticos ao tentar ensinar uma língua em muitos aspectos oposta ao japonês, língua-mãe da quase totalidade dos alunos matriculados no Departamento de Português da Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka e da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto, nas quais ensino.

Na verdade, creio que o fato de o português ser oposto ao japonês não constitui o maior problema na tarefa de ensinar uma língua estrangeira no Japão. Penso que a real dificuldade está no fato de o sistema de ensino de língua estrangeira no Japão geralmente dar prioridade à leitura e à tradução de textos, deixando de lado a expressão oral, que deve ser o objetivo final do aprendizado de uma língua estrangeira.

Não constitui surpresa, portanto, o fato de em geral as aulas serem ministradas pelos professores japoneses não na língua estrangeira estudada, mas em puro e simples japonês. Mais: numa tentativa de facilitar a compreensão e a apreensão, pelo estudante, dos sons e inflexões da língua estrangeira em questão, os professores utilizam o limitado e problemático *katakana*, que os japoneses adotam para grafar todas as palavras que não sejam japonesas. Assim, toda a riqueza da sonoridade, do ritmo e da musicalidade da língua estrangeira é ignorada, perdendo-se na confusa mistura proporcionada pelo *katakana*. Resultado: após passarem quatro anos estudando português, os alunos insistem em continuar dizendo *aruguém, feidjon e bou borutaru* (equivalentes a *alguém, feijão e vou voltar*), apenas para citar alguns exemplos mais correntes. Creio que isso provavelmente ocorre com todas as outras línguas estrangeiras ensinadas no país. O problema é que os docentes japoneses não admitem que o *katakana*, em vez de ajudar, acaba dificultando muito a tarefa do professor estrangeiro de línguas no Japão.

Ao ignorar a expressão oral, o sistema de ensino de língua estrangeira no Japão acaba deixando de lado o fator mais importante a ela intrinsecamente ligado: a cultura. Devo esclarecer que tenho em mente o conceito antropológico de cultura, que define o termo como *o conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos*

*os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc.* A partir desse conceito, podemos dizer que cultura envolve a história, a política, a religião, o folclore e as manifestações artísticas de um povo, além de fatores geográficos, como clima, relevo, vegetação etc.

Tudo isso soa óbvio, mas em geral parece ocorrer uma total dissociação entre ensino de língua e cultura no Japão. Alguns podem argumentar que, em maior ou menor escala, as instituições de ensino de língua estrangeira incluem aspectos culturais no currículo dos cursos, sendo esse assunto muitas vezes ministrado por um professor nativo. Entretanto, muitas vezes tais aulas não passam de informações jogadas de maneira aleatória, com pouca ou nenhuma relação com o ensino da língua propriamente dito. Os alunos recebem uma grande carga de informação, às vezes com excesso de detalhes de importância secundária, mas não são orientados sobre como utilizar tais conhecimentos de maneira dinâmica, como parte do aprendizado da língua estrangeira que estejam estudando, e que podem dar sentido aos aspectos gramaticais e lingüísticos. Assim, quando não são enfadonhas e sonolentas, as chamadas “aulas de cultura” são consideradas apenas como uma espécie de documentário sobre um povo de hábitos anormais, estranhos ou exóticos. Creio que contribui muito para essa situação o despreparo dos professores japoneses, a quem muitas vezes também falta a necessária competência para utilizar a língua em questão de maneira coerente com os aspectos culturais que a envolvem, e não somente como um conjunto de significados e significantes.

Mesmo a presença de um professor nativo não garante que a aula de cultura estrangeira seja ministrada de maneira coerente e integrada ao ensino da gramática e da lingüística. Para que isso ocorra, é necessário não apenas que o referido professor tenha uma boa dose de competência na cultura onde está

atuando—no caso, a cultura japonesa—mas também que seja capaz de entender e identificar os contrastes existentes entre essa cultura e a sua própria e de transmitir esses conhecimentos de maneira prática e didática. Só assim o aluno, juntamente com a competência lingüística, poderá apreender a necessária dose de conhecimentos culturais que vão lhe permitir utilizar o que está aprendendo de maneira eficaz, segura e livre de preconceitos.

Em minha vivência diária como professor, tenho muitas vezes deparado com situações que atestam a dificuldade que os alunos enfrentam quando tentam responder a situações corriqueiras utilizando o português. Uma vez, numa aula de conversação, fiz um elogio a uma aluna que toca trompete, dizendo que a tinha visto tocar e que ela tinha se saído muito bem. Imediatamente, ela sacudiu a mão negativamente em frente do rosto e disse “Não, não!”, uma maneira tipicamente japonesa de demonstrar modéstia. Acontece que, na cultura brasileira, o gesto de sacudir a mão negativamente em frente do rosto pode ser ofensivo, já que poderia ser entendido como uma maneira grosseira de recusar completamente o que o interlocutor está dizendo. Além disso, ao responder que não tocava bem, ela de certa maneira estava me colocando na posição de total ignorante em matéria de música, pois só um analfabeto musical poderia elogiar alguém que mal sabe segurar o instrumento. Parece exagero? Nem tanto, se considerarmos que ela estava usando a língua portuguesa para expressar um comportamento típico de outra cultura. Claro, ninguém havia ensinado a ela a maneira de demonstrar modéstia na cultura brasileira. Ninguém lhe havia dito que, diante de um elogio, pode-se responder desde um simples “obrigado” até um “eu ainda preciso aprender muito, obrigado”. A aluna, muito boa, por sinal, tinha entendido as minhas palavras, escolheu palavras gramaticalmente corretas para a resposta, mas falhou terrivelmente por não ter sabido contextualizar culturalmente o que aprendera. A gramática estava perfeita, mas a comunicação

não ocorreu da maneira desejada, por desconsideração à cultura.

Deve ficar bem claro que não estou, com isso, desmerecendo a necessidade de aprendizado da gramática, mas apenas enfatizando que uma língua não existe como entidade autônoma, tendo sentido somente quando cumpre sua função comunicativa dentro de uma determinada cultura. É ela que permite aos indivíduos expressar seus pensamentos e sentimentos, que sintetiza as intenções de uma comunidade rumo a objetivos comuns e que, em sua forma escrita, preserva o legado de um povo e o transmite às futuras gerações. Mas tudo isso só se concretiza quando a língua assume perfeita e plenamente sua função comunicativa. Nesse sentido, é óbvio pensar que o estudo de uma língua vai muito além da apreensão de vocabulário e de normas gramaticais. Sem a devida contextualização cultural, ela acaba não passando de um amontoado de significantes e significados sem muito sentido ou valor prático.

A comunicação em uma língua estrangeira será tanto mais eficiente quanto mais trabalhada for a apreensão equilibrada de todos os elementos necessários ao seu domínio. Alguns especialistas afirmam que o ensino eficiente de uma língua estrangeira deve levar em conta três importantes aspectos culturais: a **cultura informativa**, que abrange aspectos como geografia, história, religião, sociedade e festividades, a **cultura adquirida**, que inclui grandes obras na literatura, na música, nas artes plásticas, no cinema etc., e a **cultura comportamental**, que como o próprio nome revela aborda aspectos do comportamento na vida cotidiana. Esse último aspecto é especialmente importante, já que uma análise de seus contrastes é que vai mostrar os diferentes costumes e as diferentes maneiras de interpretar fatos, além da influência que tudo isso exerce sobre a língua.

Entretanto, deve-se ter em mente que aprender uma língua implica—em alguma medida—conhecer o modo de vida e a

maneira de ser dos povos que falam essa língua. É claro que ter vocabulário ajuda, mas isso não é tudo. É preciso conhecer as sutilezas de contexto, saber utilizar da maneira adequada a complexa linguagem da comunicação não-verbal e até mesmo aprender qual expressão facial seria mais coerente com uma determinada situação. Assim, seria desejável que o estudante tivesse a oportunidade de viver por algum tempo no país onde a língua que estuda é falada, exatamente para vivenciar de maneira concreta os conceitos e regras aprendidos em sala de aula. Só então o estudante teria a oportunidade de contextualizar a teoria que assimilou e de aprender quando e em quais situações uma palavra ou expressão pode ou deve ser utilizada e por que, dependendo da pessoa com quem fala e do ambiente em que se encontra, um verbo é mais conveniente do que outro.

Aprender a se comunicar bem em uma língua estrangeira é aprender e assimilar a cultura do povo onde essa língua é falada. Isso deve ocorrer sem preconceitos, tanto por parte dos alunos como por parte dos professores, e sem os chamados filtros afetivos, que são as barreiras naturais a tudo aquilo que é considerado não familiar à cultura materna. O aprendiz deve mergulhar na cultura estrangeira, assimilar seus valores, confrontando e interagindo seu background cultural com os elementos da cultura que está aprendendo. Ao professor, por sua vez, caberia não a tarefa de orientar e facilitar o processo de aprendizagem, proporcionando aos estudantes oportunidades e situações as mais próximas possíveis da realidade social e cultural do país cuja língua está sendo estudada. Mas para isso ele próprio deve ter plena competência lingüística e cultural, além de reconhecer a importância do confronto e da interação entre a cultura materna e a cultura estrangeira. Penso, entretanto, que isso ainda está muito distante da prática real tanto dos professores japoneses em geral como de alguns professores estrangeiros que ensinam línguas estrangeiras no Japão.

Quando comparamos o português com o japonês, podemos dizer, grosso modo, que o japonês é a língua da palavra certa, para a ocasião certa e para a pessoa certa. Mais importante do que aquilo que o indivíduo sente ou pensa, a escolha da palavra certa é o fator mais importante para o que é considerado socialmente aceitável dentro dos padrões culturais japoneses. Não é por acaso que a sociedade japonesa preza tanto o conceito do *honne-tatemae*, ou seja, o que você pensa ou sente não é o que você diz. Já na língua portuguesa, a despeito de todas as complicadas regras de conjugação de verbos e dos inúmeros tempos verbais a ela inerentes, a maneira como o indivíduo diz algo é, muitas vezes, mais importante do que o sentido exato de uma palavra ou do que o uso correto de uma concordância. Por ser um povo mais dado a expressar seus sentimentos e pensamentos do que o povo japonês, os brasileiros em geral atropelam a gramática para se fazer entender.

Como exemplo, comparemos a expressão em japonês *dôozo yorôshiku* com a expressão em português *muito prazer*, ambas utilizadas quando se é apresentado a alguém. Traduzida para o português, a expressão em japonês resulta num estranho e sem sentido *seja gentil comigo, por favor*, que ainda poderia entendida como um pedido desesperado de alguém com sérios problemas de complexo de inferioridade. Do mesmo modo, traduzir a expressão *muito prazer* para o japonês (o que não posso fazer, por absoluta falta de conhecimento) provavelmente causaria o mesmo efeito de estranheza, tornando a comunicação desagradável e sem sentido. Na verdade, tais expressões não devem ser de maneira nenhuma traduzidas, mas apenas compreendidas dentro de seu próprio contexto cultural e sociológico e assim utilizadas. Traduzir ao pé da letra expressões dessa natureza, além de causar toda sorte de mal entendidos, pode acabar provocando constrangimentos indesejáveis a ambos os lados.

Analisadas mais profundamente, podemos perceber ainda que tanto a expressão *dôozo yorôshiku* como a sua equivalente  *muito prazer* revelam muito sobre as culturas brasileira e japonesa. No caso da expressão japonesa, creio que as duas palavras—aliadas ao gesto de se inclinar diante do interlocutor no momento em que são pronunciadas—revelam muito da maneira indireta de se expressar do povo japonês, da sua tendência de se colocar sempre em posição inferior diante de alguém que considerem mais importante (daí o sentido de  *seja gentil comigo, por favor*, juntamente com a inclinação do corpo) e de seu caráter reservado e introvertido. A expressão  *muito prazer*, por outro lado, revela claramente a característica de extroversão e espontaneidade dos povos que falam português, especialmente os brasileiros. Daí a tendência a usar uma linguagem direta e carregada de sentimentos (nesse caso, o sentimento de prazer) e o fato de encarar a pessoa que está conhecendo como igual, nem superior, nem inferior. Essa última característica muitas vezes se faz presente mesmo no caso de diferenças hierárquicas e sociais entre os interlocutores.

O uso dessas duas expressões revela ainda a maneira como japoneses e brasileiros entendem a questão do contato físico. Enquanto a expressão *dôozo yorôshiku* deve ser acompanhada da devida distância e de nenhum toque físico, como é característico na cultura japonesa, o  *muito prazer* é dito ao mesmo tempo em que as mãos se apertam, muitas vezes, de maneira efusiva e calorosa, evidenciando a importância do toque físico na cultura brasileira. Em alguns casos, junto com o aperto de mãos vêm ainda um, dois ou até três beijinhos no rosto, não importando o sexo ou a idade dos interlocutores. Portanto, podemos perceber que apenas o entendimento do significado gramatical das palavras—mesmo quando se considera uma expressão tão simples como  *muito prazer* –, sem as devidas considerações culturais, contribui muito pouco para a boa

comunicação entre um interlocutor nativo e um estrangeiro.

Como já foi dito anteriormente, a linguagem é o instrumento através do qual um povo expressa seus sentimentos, suas ansiedades, seu modo de ser e de pensar. Ensinar língua sem ensinar cultura ou ensinar cultura numa abordagem meramente oral e dissociada da linguagem acaba levando a resultados pouco úteis e a uma aprendizagem sem sentido. Como o objetivo final é a obtenção de competência comunicativa, é preciso utilizar a língua que se está aprendendo de maneira consistente, em contextos reais ou muito próximos do real. Aliás, essa comunicação será tanto mais completa quanto maior for o enriquecimento da linguagem estudada em sua importante função como meio de aquisição de conhecimento. Desse modo, o estudante se tornará não apenas mais conectado a uma experiência de vida totalmente diferente da sua própria, mas também será levado a uma crescente compreensão da língua estrangeira que está estudando, em todas as suas nuances.

A comunicação é a meta maior do relacionamento entre os seres humanos. Sem comunicação não há entendimento, não há compreensão, não há cooperação. E essa comunicação tem início desde que nascemos. Quando crianças, aprendemos a falar e a nos comunicar em nossa língua materna simplesmente abrindo a boca e tentando imitar os adultos. Nem imaginamos que exista algo chamado gramática. Ela vem depois, paulatinamente, para consolidar o que sabemos, corrigir o que pensávamos que sabíamos e abrir os horizontes para níveis cada vez mais sofisticados e eficientes de comunicação. Mecanismo semelhante deve ocorrer quando se estuda uma língua estrangeira.

Creio também que a competência comunicativa e cultural é a melhor maneira de se avaliar o conhecimento e a fluência de um estudante de língua estrangeira. Isso, é claro, vale para todas as línguas, mas é especialmente válido no caso do português estudado no Japão, já que, por ter estrutura totalmente diferente

do japonês, exige do estudante uma completa mudança de mentalidade e de formas de expressão corporal. É necessária até mesmo a assimilação de novos conceitos filosóficos, o que não aconteceria caso esse estudante optasse pelo coreano ou pelo chinês, línguas estruturalmente muito próximas do japonês e assentadas sobre conceitos culturais igualmente similares aos encontrados no Japão.

A competência comunicativa e cultural tem ainda importância estratégica e fundamental para os estudantes que, no futuro, pretendem utilizar a língua estrangeira que aprenderam em sua carreira profissional. Desempenhando o papel de mediadores de realidades culturais diferentes, esses profissionais atuarão não somente em nível de governo, diplomacia ou negócios, mas também como pontes dentro do próprio país. É dessa maneira que poderão ajudar o seu próprio povo a entender, aceitar e assimilar padrões culturais diferentes dos seus, a fim de eliminar barreiras e preconceitos que muitas vezes entram o processo de entendimento entre as nações, não raro com sérias conseqüências políticas e econômicas.

Essa tarefa é particularmente importante quando consideramos os aproximadamente 250 mil brasileiros que trabalham no Japão como *dekassegui*, boa parte deles com conhecimento apenas rudimentar do idioma japonês. Como a oferta de tradutores capacitados em ambas as línguas é pequena, muitos brasileiros têm enfrentado sérias dificuldades quando necessitam de assistência jurídica em casos de problemas com a polícia ou com o departamento de imigração. Não raro, ocorrem prisões e deportações simplesmente porque o tradutor japonês designado para acompanhar o *dekassegui* brasileiro não foi capaz de entender corretamente o que lhe foi falado em português ou não soube transmitir de maneira apropriada as palavras em japonês ditas pela autoridade japonesa. Em ambos os casos, o resultado acaba sendo prejudicial ao lado mais fraco, ou seja,

o brasileiro mal assistido. Culpa da gramática? É evidente que não. Culpa da falta de competência comunicativa e cultural, algo que não se aprende assistindo a aulas de português ministradas em japonês, nem decorando listas intermináveis de verbos e palavras, nem ouvindo documentários estereotipados sobre os índios da Amazônia ou sobre a violência das cidades brasileiras.

Para terminar, quero mais uma vez enfatizar o fato de que não sou um acadêmico, nem um especialista em lingüística, mas um simples professor que enfrenta problemas reais no processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa no Japão. Assim, penso que as idéias aqui expostas poderiam servir de pontos de partida para trabalhos de especialistas mais capacitados, que pudessem trazer o necessário embasamento teórico e traçar novas diretrizes para a difícil tarefa de ensinar uma língua estrangeira no Japão de maneira eficaz e proveitosa tanto para estudantes como para professores.